

LITERATURA DE CORDEL: UM ESTUDO SOBRE OS PROCESSOS FONOLÓGICOS POR APAGAMENTO EM *VINGANÇA DE CABÔCO*, DE ZÉ DA LUZ

LITERATURA DE CORDEL: UN ESTUDIO SOBRE LOS PROCESOS FONOLÓGICOS POR APAGAMIENTO EN *VINGANÇA DE CABÔCO*, DE ZÉ DA LUZ

Recebido: 20/03/2023

Aprovado: 06/06/2023

Publicado: 31/07/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i1.3184

Elarisse Maria Bacelar da Silva¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5411-3313>

Thiago de Sousa Amorim²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-1400-7855>

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar a variação fonológica na narrativa popular *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz, de modo a descrever os casos que sofreram processos de apagamento. A metodologia adotada compreende um estudo bibliográfico, com caráter descritivo e explicativo, com abordagem quali-quantitativa e de natureza básica. Para tanto, foi necessário o apoio teórico de autores, como, Bortoni-Ricardo (2014), Coelho *et al.* (2015), Lima (2016), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), dentre outros autores. O *corpus* de estudo corresponde à obra de Zé da Luz, intitulada *Brasil caboclo: o sertão em carne e osso*, do qual foi selecionado o poema de cordel *Vingança de cabôco*. Para a análise, foram coletados os dados que sofreram processo fonológico por apagamento, a partir da leitura do poema; em seguida, foram elaborados um quadro e um gráfico, os quais possibilitam uma visão mais sistemática dos dados em apreço. Os resultados da pesquisa apontam que há uma diversidade de fenômenos que caracterizam a variação fonológica no poema, e que a maior expressividade, em relação ao apagamento, é o fenômeno da apócope, com um percentual de 64% de ocorrência.

Palavras-chave: sociolinguística; variação fonológica; Zé da Luz; *Vingança de caboco*.

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo investigar la variación fonológica en la narrativa popular *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz, para describir los casos que sufren procesos de apagamiento. La metodología adoptada comprende un estudio bibliográfico, de carácter descriptivo y explicativo, con enfoque cuali-cuantitativo y de carácter básico. Por ello, fue necesario el apoyo teórico de autores como Bortoni-Ricardo (2014), Coelho *et al.* (2015), Lima (2016), Seara, Nunes y Lazzarotto-Volcão (2019), entre otros autores. El *corpus* de estudio corresponde a la obra de Zé da Luz, titulada *Brasil caboclo: o sertão em carne e osso*, de la cual se seleccionó el poema de cordel *Vingança de cabôco*. Para el análisis se recogieron datos que pasaron por un proceso fonológico de apagamiento, a partir de la lectura del poema; luego, se elaboró un cuadro y un gráfico, que permiten una visión más sistemática de los datos en cuestión. Los resultados de la investigación indican que

¹ Graduada em Letras Português (UEMA), campus Timon - MA. Tem interesse em estudos da área da Sociolinguística. E-mail: elarissebacelar1998@gmail.com

² Doutorando em Letras, área de concentração em Linguística, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Mestre em Letras (Linguística), pela Universidade Federal do Piauí (UFPI); Especialista em Linguística, Literatura e Ensino, pelo Instituto de Ensino Superior Múltiplo (IESM); Graduado em Letras / Espanhol, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). É membro do Núcleo de Estudos Hispânicos (NUEHIS), da UESPI e do Grupo Língua, Escola e Sociedade (LES), da UFPI. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa (Gramática e Redação) e Língua Espanhola, atuando principalmente nos seguintes temas: Sociolinguística Variacionista e Interacional; Teoria da Acomodação da Comunicação; Etnografia da Comunicação. E-mail: tyagoamorim25@hotmail.com

existe diversidade de fenômenos que caracterizam a variação fonológica em el poema, y que la mayor expresividad, en relación al apagamiento, es el fenómeno de la apócope, con un porcentaje del 64% de ocurrencia.

Palabras claves: sociolingüística; variação fonológica; Zé da Luz; *Vingança de cabôco*.

1 Introdução

O português brasileiro é uma língua repleta de variações, assim como qualquer outro sistema linguístico. Essa variedade presente em nossa língua só a enriquece e a torna plural. Dessa forma, tomamos como objeto de estudo uma narrativa popular, intitulada *Vingança de cabôco*, da obra *Brasil caboclo: o sertão em carne e osso*, de Zé da Luz, na qual estudamos a variação linguística no tocante ao nível fonológico. Dessa forma, o objetivo de nossa pesquisa é investigar a variação fonológica na narrativa popular *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz, de modo a descrever os casos que sofreram processos de apagamento.

O interesse por esta pesquisa surgiu por meio de um projeto de intervenção realizado no Colégio Militar Tiradentes de Timon-MA, com alunos do 7º ano do ensino fundamental, como pré-requisito para a aprovação na disciplina “Prática interdisciplinar de leitura e produção textual em língua portuguesa”, do 6º período do curso de Letras-Português da Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* de Timon. O projeto tinha como tema: “Práticas de leitura e escrita do gênero literatura de cordel”, cujo objetivo era desenvolver a prática de produção de textos que exercitassem a oralidade e a escrita.

Além disso, foi através desse trabalho que conhecemos os folhetos de cordel. A literatura de cordel se diferencia de outros gêneros textuais porque pode apresentar uma linguagem característica de falares regionais, com temáticas do cotidiano. Foram essas as características que nos chamaram a atenção para realizar esta pesquisa, motivados pela curiosidade de conhecer e compreender usos linguísticos peculiares à fala nordestina, em poemas de um cordelista paraibano. Atrelado a isso, a escolha do tema se justifica pela necessidade de investigações sociolinguísticas³ em textos de cordel, as quais procurem evidenciar as variações linguísticas marcadas pelo falar regional do nordeste brasileiro.

Este trabalho é um recorte de um projeto guiado pelos seguintes

³ Cabe salientar que a abordagem deste trabalho segue pressupostos da sociolinguística. Contudo, não a classificamos dentro de um viés específico, variacionista ou interacional, por exemplo, porque não seguimos os encaminhamentos metodológicos preconizados por tais abordagens.

questionamentos norteadores: quais são os fenômenos relativos ao nível fonológico que caracterizariam a variação linguística no poema *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz? Quais são os processos fonológicos mais expressivos no poema? Entretanto, neste texto não apresentamos todos os dados que sofrem processos fonológicos, somente aqueles que sofrem apagamento.

Para a realização da pesquisa, utilizamos a obra *Brasil caboclo: o sertão em carne e osso*, de Zé da Luz, mais especificamente o poema *Vingança de cabôco*, por meio do qual os dados foram coletados. Em seguida, utilizamos um quadro sinóptico, a considerar o nível fonológico. Tais dados foram analisados por meio de uma pesquisa bibliográfica, de caráter descritivo e explicativo e com abordagem quali-qualitativa. Para tanto, utilizamos as contribuições de Bortoni-Ricardo (2014), Coelho *et al.* (2015), Lima (2016), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2019), dentre outros autores necessários.

2 Zé da luz e o cordel nordestino: uma caracterização

Nesta seção, apresentamos informações biográficas sobre Zé da Luz, bem como características dos seus cordéis. Antes de analisarmos o poema do autor é fundamental que conheçamos um pouco sobre o seu universo, para que possamos entender melhor a sua escrita e os aspectos que a norteiam.

Zé da Luz (1904-1965) nasceu na cidade de Itabaiana, na Paraíba. Seu nome de origem é Severino de Andrade Silva e só estudou até o primário; também chegou a exercer a função de alfaiate. Ele é conhecido como um poeta-cantador, pois não apenas escrevia, mas também cantava os seus poemas. Infelizmente, o cordelista só chegou a publicar dois livros, um deles é *Brasil Caboclo*, de 1936 e o outro é *O sertão em carne e osso*, de 1954 (FERREIRA, 2020).

Conforme Costa (2018), o poeta Zé da Luz utilizava a escrita para falar sobre as mazelas da sociedade de sua época, ou seja, nos seus versos ele registrava a memória do seu povo e os fazia por meio de elementos ficcionais que constituem o folclore paraibano. Assim, podemos entender que, no cordel, podemos abordar sobre diversos assuntos, mas que inicialmente ele se destinava a fazer denúncias.

A escrita do autor é eivada de marcas de oralidade, de modo que percebemos uma profunda ligação entre a materialidade textual e a cultura nordestina, da qual era pertencente, e sobre à qual ele escrevia, considerando e valorizando o seu povo

e suas memórias, confirmando o pensamento de Costa (2018, p. 28), que defende que Zé da Luz era comprometido com o meio em que vivia, em virtude de suas poesias expressarem seu modo de pensar e de relatar sobre experiências de vida. Neste sentido, a autora destaca que suas poesias são como “[...] testemunhos de histórias que pertencem à literatura popular oral e paraibana [...]”.

Para mostrarmos que o cordel de fato é um gênero pertencente à cultura nordestina, tomamos como base o trabalho de Cordoni e Pereira (2006), em que analisaram que na narrativa *O Drama do Nordestino*, do poeta Zé da Luz, o autor usa traços que se aliam à oralidade, para causar um efeito de aproximação do texto à realidade do sertanejo. Como, por exemplo, “a repetição dos sons /n/ e /ao/ nos versos ‘Sertanêjo nordestino! /Nordestino meu irmão! Deus marcou seu destino/ numa palavra _ SERTÃO!’ que proporcionam um ritmo [...] correlacionado ao traço oral da fala do nordestino.” (CORDONI; PEREIRA, 2006, p. 7, grifos dos autores).

Os autores argumentam, ainda, que o nordestino é nobre nos livretos, pois mesmo nas adversidades da vida, o sertanejo nunca deixa a sua fé, assim é tido como forte; essas características são pertencentes à poesia de Zé da Luz. Outro aspecto marcante em suas poesias é o ciclo de vida do homem rude do campo e o apelo sentimental.

De acordo com Duarte (2018), os cordéis de Zé da Luz podem ser classificados como modernos em termos de proposta e no que diz respeito à cronologia, uma vez que os seus poemas abordam questões acerca da cultura brasileira, como o uso da linguagem coloquial, crítica social, política, dentre outros assuntos. É no Modernismo que encontramos Zé da Luz, entre a primeira e segunda fase, já que o cordelista também retrata com bastante precisão o Nordeste e suas agruras.

O uso da linguagem coloquial em seus poemas é uma forma de representar o seu povo e, através de sua poesia, ele mostra a sua realidade social e linguística. Ele também pode ter usado a linguagem sertaneja para fazer uma crítica social, devido à literatura tradicional não estar acostumada com essa linguagem que ele emprega em seus poemas, e, talvez, o cordelista entenda que a sua literatura não está entre os grandes cânones literários, por essa questão (DUARTE, 2018).

Esse pensamento do poeta pode fazer sentido, quando tomamos a apreciação crítica que Manuel Bandeira fez ao livro *O sertão em carne e osso*, no qual identifica o autor como pertencente “[...] àquela categoria de poetas intermediários entre a

poesia culta da cidade e a poesia dos improvisadores sertanejos.” (FERREIRA, 2020, p. 337). Ainda segundo a autora, podemos entender que há preconceito na fala de Manuel Bandeira, em relação à poesia matuta, pelo fato de ser escrita por pessoas que não atingiram nível superior. Como consequência, a sua poesia não podia ocupar espaço em outras esferas sociais, limitando-se ao espaço em que ela é produzida.

O que foi discutido nesta seção é de suma importância, porque além de ser viável para esta pesquisa, é necessário para que entendamos a relação entre língua e sociedade, o quanto a linguagem é fundamental em nossas vidas e de que forma o cordel apresenta um essencial papel de representação da linguagem de um povo. A seguir, vamos discutir sobre a perspectiva teórica que fundamenta a nossa pesquisa.

3 Sociolinguística: uma contextualização teórica

Com vistas ao objetivo do nosso trabalho, buscamos apoio na Sociolinguística, devido ao estudo da língua integrada à sociedade, o que contribui para a análise das narrativas populares nas quais existem marcas da oralidade. A partir da oralidade presente nesses poemas, identificamos e explicamos os fenômenos linguísticos relacionados aos nível fonético-fonológico. Por isso, a Sociolinguística é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Segundo Bortoni-Ricardo (2014), a Sociolinguística é uma vertente que estuda a linguagem, levando em consideração o falante e o contexto em que ele está inserido. Essa ciência foi fundamental para Labov desenvolver suas teorias acerca da variação linguística. Para o desenvolvimento de seu estudo, ele uniu tanto os fatores internos como os externos à língua, em busca de fatos que explicassem os fenômenos da variação e da mudança.

Assim, não se pode estudar a língua de forma isolada, sem considerar a íntima relação entre língua e sociedade. Desse modo, o objeto de estudo da Sociolinguística é, portanto, a variação e a mudança que sofrem as línguas.

Entendemos que a Sociolinguística diverge do estruturalismo porque Saussure considera a *langue*/língua um fato social que pode ser estudado pela observação de um único indivíduo, enquanto que a *parole*/fala é tida como individual e só pode ser estudada pela observação em seu contexto social. O outro é o princípio da

imanência, que explica que tudo o que acontece na língua é motivado e explicado por ela mesma, desconsiderando os fatos externos. E a última seria a concepção de língua como homogênea e que as mudanças ocorridas na língua não são percebidas pelo falante, porque ela não muda (COELHO *et al.*, 2015).

Paralelo a isso, também diverge do gerativismo de Chomsky em relação ao fato de ele declarar que o objeto de estudo da Linguística é a comunidade de fala homogênea e abstrata, composta por um falante-ouvinte ideal e que os resultados obtidos na análise correspondem às próprias intuições dos falantes sobre a linguagem. Em outras palavras, ele aponta que somos nós quem fazemos julgamentos acerca dos usos linguísticos e, esses dados encontrados ajudam na construção de teorias. Aspectos amplamente criticados por Labov (COELHO *et al.*, 2015).

Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 22), em resposta ao gerativismo, Labov explica que “não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado [...]”. Ademais, acrescenta que a variação dentro da comunidade de fala também é inerente, porque não existem dois falantes que se expressem da mesma maneira, assim como não há um falante que se expresse da mesma forma em diferentes contextos.

Dentro da perspectiva da Sociolinguística, compreendemos que a língua é heterogênea e não homogênea, como afirma Saussure. Um dos fatos que comprova isso é o motivo de os indivíduos de uma comunidade se entenderem e se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas. Dessa maneira, a concepção de língua para a Sociolinguística é divergente, em comparação aos vieses estruturalista e gerativista.

Dadas algumas informações mais gerais sobre o contexto da sociolinguística, é importante trazer conceitos fundamentais para a área, como o de variação linguística, uma vez que o nosso objetivo recai sobre as variações fonológicas presentes em uma narrativa popular do cordelista Zé da Luz.

Por **variação linguística**, a entendemos como alternância de uma forma por outra, ou seja, quando duas formas convivem juntas, tendo o mesmo valor referencial, como asseveram Coelho *et al.* (2015). Por exemplo, os pronomes *tu* e *você*, essas duas formas se referem à segunda pessoa do singular, mas seu uso

pode variar dependendo do grau de intimidade ou de formalidade. Geralmente, a variante *você* é usada em situações formais e *tu* em situações informais.

Tanto a variação interna quanto a externa são bastantes relevantes para o estudo de variação linguística, pois ambas desempenham, simultaneamente, papéis fundamentais para a ocorrência de formas variantes.

Em relação aos tipos de variação interna, a considerar diferentes níveis linguísticos, é possível a alternância de uma forma por outra, no momento de interação comunicativa. Dentro desse conjunto, encontramos a **variação lexical**, **variação fonológica**, **variação morfofonológica**, **variação morfológica**, **variação morfossintática**, **variação sintática**, **variação e discurso**.

Interessa a este trabalho, discutir sobre a **variação fonológica**, que corresponde a:

[...] modificações que os morfemas sofrem quando se combinam para formar palavras. Eles podem alterar ou acrescentar traços articulatórios, eliminar ou inserir segmentos, e esses processos fonológicos podem ser classificados em função das alterações que ocorrem aos segmentos. (SEARA, NUNES, LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2019, p. 140).

Dentro dessa variação, temos diversos fenômenos, como, despalatalização, iotacismo, síncope, rotacismo etc., para citar alguns. A despalatalização é um “caso de variação fonológica bastante comum no PB, é a troca de <lh> por <i>, num fenômeno chamado de **despalatalização**, ou seja, perda de palatalização (<lh> passa para <l>: palha > palia)”. (COELHO *et al.* 2015, p. 54).

Conforme Coelho *et al.* (2015), o iotacismo é a evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente, como, por exemplo: palia > paia. Vale lembrar que este fenômeno é também chamado de iotização ou iodização. Já a síncope é uma “supressão de fonema no interior da palavra”. Como, por exemplo, *fosfro* ao invés de *fósforo* ou *arvre* no lugar de *árvore*. (COELHO *et al.*, 2015, p. 55).

Agora, vamos ilustrar dois exemplos de rotacismo, como no caso da palavra *soldado* > *sordado*; e a palavra *planta* que muitos empregam *pranta*. Identificamos um caso de rotacismo nessas palavras, porque houve a troca do fonema /l/ por /r/. (COELHO *et al.*, 2015).

Destarte, há casos, ainda, de **variação morfofonológica**, quando ocorre variação em nível morfológico e fonológico ao mesmo tempo. Tomamos como exemplo a palavra *andar* que alguns falantes pronunciam *andá*. Neste caso, temos a supressão de /r/, que, por um lado, é um morfema verbal que faz marcação de

infinitivo, por outro, é um fonema. Assim, entendemos que o apagamento do /r/ representa uma variação de interface, por tratar-se de um morfema e um fonema, caracterizando, assim, uma variação morfofonológica. (COELHO *et al.*, 2015).

Dadas essas informações sobre a sociolinguística e o caso de variação linguística, especificamente a que ocorre no nível fonológico, apresentamos no tópico, a seguir, a análise do poema em apreço.

4 Processos fonológicos por apagamento no poema *vingança de cabôco* do cordelista paraibano Zé da Luz

Neste tópico realizamos uma análise no nível fonológico, por meio do poema *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz, a fim de descrever os casos que sofreram processos de apagamento.

O poema *Vingança de cabôco* é marcado pela linguagem sertaneja, portanto, o nosso *corpus* de estudo exhibe uma variedade que foge da norma padrão, essa é uma das principais características presentes na poesia de Zé da Luz.

Por conseguinte, construímos um quadro, de acordo com os dados coletados, no qual podemos observar os fenômenos fonológicos recorrentes, em especial os que sofreram apagamento. Organizamos o quadro a partir de 4 (quatro) entradas, a saber: 1) Variante não-padrão; 2) Variante padrão; 3) Contexto; 4) Classificação fonológica: a variável.

Quadro 1 – Processos fonológicos de apagamento

1) Variante não - Padrão	2) Variante padrão	3) Contexto	4) Classificação fonológica: a variável
<crimine>	<Incrimine>	“Seu moço. Não me crimine” (p. 35).	Aférese
<tava>	<Estava>	“Táva pronta prá casá” (p. 38).	Aférese
<inda>	<Ainda>	“Inda pégo na combréa” (p. 41).	Aférese
<tou>	<Estou>	“Eu mi vinguei! Tou vingado!” (p. 45).	Aférese
<tás>	<Estás>	“Tás satisfeito Canéla?” (p. 45).	Aférese
<históra>	<História>	“A minha históra premêro” (p. 45).	Síncope

		35).	
<canso>	<Cansado>	“Fiquei canso de cortá!” (p. 36).	Síncope
<cabôca>	<Cabocla>	“Entonce as môça, as cabôca” (p. 36).	Síncope
<apagei>	<Apaguei>	“Apagei fôgo de véla” (p. 36).	Síncope
<combréa>	<Combreia>	“Cum dois tiro de combréa!”(p.36).	Síncope
<prá>	<Para>	“Prá Vosmicê meu patrão” (p. 36).	Síncope
<praquê>	<Para quê>	“E eu tombém. Praquê negá?” (p. 37).	Síncope
<Pêdo>	<Pedro>	“Qui um tá de Pêdo canéla” (p. 37).	Síncope
<cabôco>	<Caboclo>	“Um cabôco bem pachola” (p. 37).	Síncope
<importança>	<Importância>	“Nós não ligava importança” (p. 37).	Síncope
<musga>	<Música>	“É éssa a musga dos mato” (p. 39).	Síncope
<famía>	<Família>	“Inquanto as mãe de famía” (p. 40).	Síncope
<prós>	<Para os>	“Oiando prós cunvidádo” (p. 41).	Síncope e sinalefa
<relampo>	<Relâmpago>	“O relampo faiscava” (p. 44).	Síncope
<ante>	<Antes>	“Ante de eu li contá” (p. 35).	Apócope
<contá>	<Contar>	“Ante de eu li contá” (p. 35).	Apócope
<mizaráve>	<Miserável>	“E o mizarável caiu” (p. 45).	Apócope
<caçadô>	<Caçador>	“Foi um grande caçadô” (p. 35).	Apócope
<atiradô>	<Atirador>	“A fama de atiradô!” (p. 35).	Apócope
<sê>	<Ser>	“De sê bom atiradô” (p. 35).	Apócope
<cortá>	<Cortar>	“Fiquei canso de cortá!” (p. 36).	Apócope
<tê>	<Ter>	“Não tê medo nem recêio” (p. 36).	Apócope

<abucanhá>	<Abocanhar>	“Do cigarro abucanhá” (p. 36).	Apócope
<fulô>	<Flor>	“Butáva fulô na bôca” (p. 36).	Apócope
<dizê>	<Dizer>	“Prá Vosmicê não dizê” (p. 36).	Apócope
<amô>	<Amor>	“Mi amáva cum todo amô!” (p. 37).	Apócope
<negá>	<Negar>	“E eu tombém. Praquê negá?” (p. 37).	Apócope
<falá>	<Falar>	“Cumô nem é bom falá” (p. 37).	Apócope
<tá>	<Tal>	“Qui um tá de Pêdo canéla” (p. 37).	Apócope
<tocadô>	<Tocador>	“Um tocadô de viola” (p. 37).	Apócope
<fervô>	<Fervor>	“Já se amáva cum fervô” (p. 37).	Apócope
<incurtá>	<Encurtar>	“E prá cunversa incurtá” (p. 37).	Apócope
<rezorvêmo>	<Resolvemos>	“Rezorvêmo se casá” (p. 37).	Apócope
<casá>	<Casar>	“Rezorvêmo se casá” (p. 37).	Apócope
<naturá>	<Natural>	“Cumô erá naturá” (p. 37).	Apócope
<cunsurtá>	<Consultar>	“Fui cunsurtá cum Maria” (p. 37).	Apócope
<iscuiê>	<Escolher>	“Prá nós iscuiê odía” (p. 37).	Apócope
<marcá>	<Marcar>	“E o casamento marca” (p. 37).	Apócope
<vingá>	<Vingar>	“Não quizêsse se vingá” (p. 38).	Apócope
<tumá>	<Tomar>	“Uma vingança tumá!” (p. 38).	Apócope
<sinhô>	<Senhor>	“Nós casêmo, sim sinhô”. (p. 38).	Apócope
<butá>	<Botar>	“Butá na boca uma flô” (p. 41).	Apócope
<flô>	<Flor>	“Butá na boca uma flô” (p. 41).	Apócope
<tremê>	<Tremar>	“Quem tinha visto tremê” (p. 42).	Apócope

<batê>	<Bater>	“O batê dos corações” (p. 43).	Apócope
<muié>	<Mulher>	“Das muié, qui isperáva” (p. 43).	Apócope
<chuvê>	<Chover>	“Deixou de chuvê lá fóra” (p. 43).	Apócope
<láguima>	<Lágrimas>	“E as láguima qui éla chorou” (p. 43).	Apócope
<beijá>	<Beijar>	“De beijá a sua fía” (p. 44).	Apócope
<cadáve>	<Cadáver>	“Tás vendo o cadáve dela?” (p. 45).	Apócope
<abraçá>	<Abraçar>	“Istribuxando no chão” (p. 46).	Apócope
<dô>	<Dor>	“Duas láguima de dô” (p. 47).	Apócope
<duma>	<De uma>	“Duma feita, num forguêdo” (p. 36).	Sinalefa

Fonte: Autoria própria (2022).

O Quadro 1 apresentado, acima, traz os vocábulos que sofreram apagamentos segmentais. Segundo Silva (2011, p. 81), o “apagamento equivale à supressão de um segmento (consoante, vogal ou glide) ou de uma sílaba inteira”. Dentro desse grupo, temos: a aférese, síncope, apócope, sinalefa. Todos eles foram encontrados no nosso *corpus* de pesquisa e serão devidamente explicitados.

Conforme Silva (2011), a aférese consiste no apagamento de segmento inicial do vocábulo, como podemos notar nas palavras <crimine>, <tava>, <inda>, <tou>, <tás>, que, comparadas com a variante padrão, sofreram supressão segmental na posição inicial. Como, por exemplo, em <crimine> houve o apagamento da sílaba inicial –in, em contraste com a variante padrão <incrimine>. Em <tava> ocorreu o apagamento da sílaba –es, em contraste com <estava>, na palavra <inda> ocorreu o apagamento do segmento -a. Nas variantes não-padrão <tou> e <tás>, houve o apagamento da sílaba -es.

De acordo com Coutinho (1976), a síncope é o fenômeno que consiste no apagamento de fonema no interior do vocábulo, como podemos ver em <históra>, em que foi apagado o fonema /i/; em <canso>, notamos que houve o apagamento dos fonemas /a/ e /d/.

Ainda em relação à síncope, na palavra <cabôca> houve o apagamento do fonema /l/, quando comparada com a variante-padrão *cabocla*; em <apagei> o

apagamento foi da vogal /u/; em <combréa> foi no fonema /i/ que ocorreu apagamento; em <prá> houve a queda do fonema /a/; na palavra <praquê> notamos que ocorreu o apagamento do fonema /a/; em <Pêdo> o apagamento foi do fonema /r/; em <cabôco> ocorreu o mesmo que em <cabôca>, o apagamento do fonema //, e, na palavra <importança> ocorreu o apagamento do fonema /i/.

No nosso objeto de estudo, há mais dados que sofreram esse processo, como a palavra <musga> que sofreu o apagamento do fonema /i/. Em <famía> observamos que o apagamento ocorreu na sílaba -li, em comparação com a variante padrão <família>; na palavra <prós> houve a supressão do fonema /a/ e em <relampo> houve a supressão dos fonemas -ag.

O fenômeno de apócope consiste no apagamento de segmento final em um vocábulo, e esse processo também se dá em formas infinitivas na fala (SILVA, 2011). Por exemplo, em <ante> podemos ver que houve a supressão do fonema /s/, em contraste com a forma padrão <antes>; nas palavras <contá>, <cortá>, <abucanhá>, <negá>, <falá>, <incurtá>, <casá>, <cunsurtá>, <marcá>, <vingá>, <tumá>, <butá>, >beijá>, <abraçá>, <sê>, <tê>, <dizê>, <iscuiê>, <tremê>, <batê> e <chuvê> são formas infinitivas que sofreram variação, devido à supressão do /r/ final.

Em <cadáve>, <muiê>, <caçadô>, <atiradô>, <fulô>, <amô>, <tocadô>, <fervô>, <sinhô>, <flô> e <dô> também ocorre o apagamento do /r/ final, a diferença é que essas palavras que sofreram mudança não pertencem à classe gramatical de verbo, algumas pertencem à de substantivo.

Ainda sobre a apócope, na palavra <tá> houve a supressão do // final, se comparado com a variante padrão <tal>; em <rezorvêmo>, o apagamento ocorreu no /s/ final, se comparado à variante padrão <resolvemos>; em <láguima> também ocorreu o apagamento do /s/ final; e em <naturá> e <mizaráve> ocorre o apagamento do fonema //.

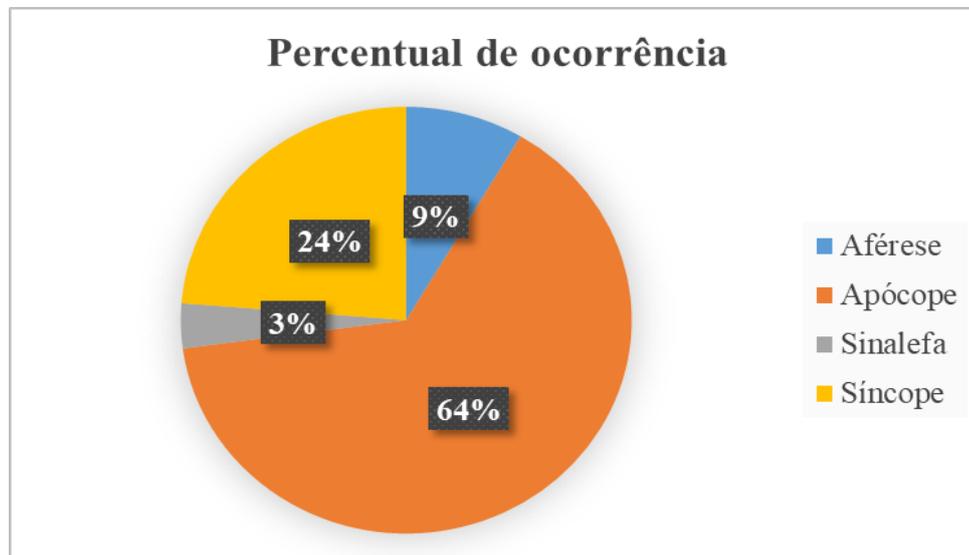
Segundo Coutinho (1976), a sinalefa ou elisão acontece quando há o apagamento da vogal final de uma palavra e quando a posterior inicia com vogal. Como, por exemplo, em <prós>, que houve a queda da vogal /a/ em contraste com a variante padrão <para os> e em <duma> que ocorreu a queda da vogal /e/.

4.1 Processo fonológico mais expressivo no *corpus*

Elaboramos este tópico com a finalidade de tratar sobre a ocorrência dos dados que sofreram processos fonológicos por apagamento, de modo a evidenciar a expressividade dos casos de maior e menor uso na narrativa popular *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz.

Para tanto, apresentamos o Gráfico 1, o qual mostra, quantitativamente, o percentual de ocorrência.

Gráfico 1 – Ocorrência de processos fonológicos por apagamento em *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz



Fonte: Autoria própria (2023).

Como podemos observar no Gráfico 1, o processo fonológico mais expressivo no *corpus* é a apócope, com 64% de ocorrência. Em seguida, temos a síncope, com 24% de ocorrência; a aférese, com 9%; e a sinalefa, com 3%. Considerando que a apócope materializa o processo de maior expressividade nos dados, buscamos trazer uma discussão, com base em pesquisas prévias, sobre tal fenômeno variacional.

No estudo de Lima (2016), intitulado: *Abordagem sociolinguística da apócope de /R/, /S/ e /N/ em contexto brasileiro-goiano*, ele busca compreender como as variáveis funcionam e o que pode favorecer ou não a ocorrência do fenômeno em

questão. Para isso, apoia-se em produções orais e escritas de falantes de Brasília, Luziânia-GO e do Entorno de Brasília.

Interessante observar que, para a variável /s/, caso presente em nossos dados como em <rezorvêmo>, o autor chegou à conclusão de que ela é muito importante, pois o seu apagamento pode afetar diretamente o quadro de flexão nominal e verbal. E quanto à marcação de plural dos determinantes, essa variável se mostrou sólida nesse estudo. Em relação aos dados escritos, esse processo se dá de acordo com a norma padrão, ou seja, vai haver pouca apócope de /s/. Fator esse explicado pelo nível de escolaridade.

No estudo do autor, as três variantes apresentaram respostas peculiares ao fenômeno da apócope em coda silábica. A apócope de /R/, com uma maior tendência ao [Ø], dado que observamos em nosso *corpus*, pela ocorrência do apagamento desse segmento, sobretudo no infinito verbal.

Moura e Ferreira (2008), em seu trabalho intitulado *Metaplasmos no falar urbano Monte-Belense: um estudo sobre apócope e vocalização*, elas trazem uma pesquisa realizada por intermédio de 30 entrevistas com pessoas nascidas e residentes em São Luís de Montes Belos- GO, levando em consideração duas variáveis extralinguísticas: nível de escolaridade e faixa etária.

Assim, as autoras obtiveram como resultados para a apócope de /r/, /s/ e /ou/, que “a variável ‘apócope’ está se incorporando ao falar monte belense, pois levando-se em conta o grau de escolaridade e a faixa etária [...] esse fenômeno ocorre em todos os níveis, em maior quantidade do que a variante sem apócope”. (MOURA; FERREIRA, 2008, p. 203).

Os informantes com nível de escolaridade superior são os que mais produzem a variante preenchida /r/, independentemente da faixa etária, segundo Moura e Ferreira (2008). Em relação ao seu apagamento, a explicação seria o fato de o PB (Português Brasileiro) constituir sílaba CV (consoante + vogal). E, em relação ao primeiro dado, o mesmo foi atestado em Lima (2016). De fato, a hipótese só se concretizou após o cruzamento dos condicionadores: *classe de palavras* e *escolaridade*.

Em relação à variável /s/, os dados mostraram que a sua realização ocorre em todos os níveis, sendo quase extinta a possibilidade do seu apagamento. Em Lima (2016), o resultado alcançado foi o mesmo, já que o morfema /s/ aparece mais em palavras monossílabas e na tendência do PB em marcar sempre da direita para

a esquerda. E, para finalizar: os condicionadores sociais, econômicos e etários não influenciam na ocorrência da variante preenchida. (MOURA; FERREIRA, 2008).

Sobre o uso de formas apocopadas no PB, Bagno (2011) argumenta que a apócope é um fenômeno gradual e um uso linguístico comum na fala de todos os falantes, independente da classe, raça, cor e, até mesmo, da escolaridade deles. Um indivíduo pode alternar entre diferentes formas linguísticas, a depender do contexto social de interação, o assunto tratado e a identidade social do interlocutor.

Tendo apresentado os dados que sofreram apagamento no poema *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz, encerramos este tópico e esperamos que este trabalho possa contribuir para estudos sociolinguísticos, bem como para os que se interessam pela temática abordada, a qual nos permitiu melhor compreender a linguagem utilizada pelo cordelista paraibano dentro de contexto sociocultural.

5 Considerações finais

Com este trabalho, objetivamos investigar a variação fonológica na narrativa popular *Vingança de cabôco*, de Zé da Luz, de modo a descrever os casos que sofreram processos de apagamento. Assim, foi possível identificar e descrever os fenômenos relativos ao nível fonológico que caracterizam o apagamento segmental no referido poema.

Constatamos que os dados apresentam ocorrências não somente por apagamento. Existem casos específicos que merecem uma atenção investigativa, como, adição, transformação, transposição. Em relação ao que nos propomos, com este estudo, os resultados mostram fenômenos de aférese, síncope, sinalefa e apócope. Este, sendo o processo fonológico de maior expressividade. Neste aspecto, é possível concluir que a fala popular do nordestino foi fortemente evidenciada por Zé da Luz, o qual teve a destreza de constituir, por meio de particularidades sociais, uma materialização cultural de seu povo mediada pela linguagem popular.

Esperamos que este trabalho venha contribuir para a área da Sociolinguística e possa incentivar outros estudos sociolinguísticos acerca da variação fonológica presente na linguagem de uma comunidade ou de um texto escrito. Deixamos expressa, aqui, a nossa satisfação na realização deste estudo, além disso, explicitamos que a presente análise do poema em questão não deu conta de olhar

para a sua linguagem no todo, tendo em vista que delimitamos o foco de investigação apenas para o nível fonológico, especificamente aqueles casos que apresentam apagamento.

Por fim, deixamos como sugestão para pesquisas futuras: um olhar para o cordel em apreço, de modo a analisar outros níveis linguísticos como o morfológico, o morfossintático e o lexical, sob o viés da Sociolinguística. Outra questão não menos importante e que requer estudo sistemático, seria pensar em uma análise desses processos fonológicos voltada para o ensino de Língua Portuguesa, na promoção de uma prática social de uso da linguagem em contexto educacional.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- COELHO, Izete Lehmkuhl; et al. *Para conhecer a sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORDONI, Erica Ferraz; PEREIRA, Danglei Castro. Reflexos cordelistas em “Morte e Vida Severina” e “O drama do Nordeste”. *Boitatá*, Londrina, v. 1, n.1, p. 55-64, 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-1-2006/Artigo%20Erica.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- COSTA, Jemya Guimarães. *A poética de Zé da Luz sob uma perspectiva semiótica*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras/Português) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2018. Disponível em: <<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/17600>>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DUARTE, Girleide Almeida. *Matuto fingidor: uma leitura da persona poética em Zé da Luz*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras/Português) – Universidade Federal de Alagoas, Arapiraca, 2018. Disponível em: <<https://ud10.arapiraca.ufal.br/repositorio/publicacoes/2783>>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- FERREIRA, Ana Claudia Fernandes. Saberes linguísticos cotidianos. *Revista Porto das Letras*, Tocantins, v. 6, n. 5, p. 324-351, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/44555076/Saberes_lingu%C3%ADsticos_cotidianos>. Acesso em: 13 fev. 2023.

LIMA, Jessé da Silva. *Abordagem sociolinguística da apócope de /R/, /S/ e /N/ em contexto Brasiliense-Goiano*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras/ Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/14803/1/2016_JessedasilvaLima_tcc.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2023.

MOURA, Cleide Queiroz de Paula; FERREIRA, Jannaína Soares Silva Reis. Metaplasmos no falar urbano Monte-Belense: Um estudo sobre apócope e vocalização. *ÍCONE – Revista de Letras*, São Luís de Montes Belos, v. 2, p. 196-210, 2008. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/METAPLASMOS-NO-FALAR-URBANO-MONTE-BELENSE%3A-UM-SOBRE-Moura-Ferreira/dfc734743d2b8313bf8974a9a5037e2c7a2f508d>>. Acesso em: 13 fev. 2023.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. 2. ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, Fernando Moreno da. Processos fonológicos segmentais na Língua Portuguesa. *Littera Online*, Maranhão, v. 2, n. 4, p. 73-88, 2011. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/PROCESSOS-FONOL%C3%93GICOS-SEGMENTAIS-NA-L%C3%8DNGUA-Silva/269416c9d9a3d04229f37b2736b2dab0448fb785> Acesso em: 13 fev. 2023.